VI SEMINÁRIO

Programa de Pós-graduação em Planejamento
Urbano e Regional da Univap

A MÚSICA COMO CAMPO DE DISPUTA: UM ESTUDO DA EVOLUÇÃO URBANA DO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO

**Roberto Gomes Monção Junior (Doutorando em Planejamento Urbano e Regional
PPGPLUR/UNIVAP)**

Orientação: Profa. Dra. Fabiana Felix do Amaral e Silva e Profa. Dra. Valéria Zanetti

Objeto da pesquisa

Por meio da música popular brasileira busca-se analisar o processo constitutivo do espaço urbano de São Paulo e Rio de Janeiro entre o último quartel do século XIX e meados do século XX, pautado nas contradições do uso e ocupação do espaço socialmente desigual sob a égide das relações capitalistas.

Objetivo da pesquisa

- Evidenciar que a produção social do espaço na história do Brasil privilegiou determinados segmentos em detrimento de outros;
- Entender como se processou a tendência dicotômica de evolução urbana do tipo núcleo/periferia, onde a cidade dos ricos se contrapõe à cidade dos pobres.
- Evidenciar a ausência do papel do Estado em criar políticas públicas para atender a demanda da população expropriada como propagador das diferenças e contradições de classe.

Metodologia

A pesquisa se embasa na metodologia que relaciona Pressão-Estado-Impacto-Resposta (PEIR) para estudo da evolução urbana das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, na passagem

do século XIX para o XX, instrumentalizada pela análise das músicas produzidas nesse contexto. Desenvolvida pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) e adaptada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a metodologia do PEIR servirá de suporte para a compreensão dos impactos dos “melhoramentos urbanos” ocorridos, concomitantemente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro que influenciaram decisivamente na condição de vida da população mais vulnerável, analisando-se assim, como o espaço urbano organizou-se estruturalmente a partir dos interesses do capital e do Estado.

As forças motrizes são representadas pelo crescimento desordenado da área urbana dessas cidades, as quais possuíam carências de infraestrutura.

A pesquisa pauta-se em análise quali-quantitativa, baseada na revisão bibliográfica, análise documental e de dados, conforme figura 1.

Figura 1 -: Abordagem qualitativa e quantitativa.

O Estado, à época, implantou diversos “melhoramentos urbanos”, expulsando a população carente dos centros da cidade, alterando substancialmente a paisagem urbana dessas cidades.

Considerando que a população excluída, possuía, predominantemente, baixo poder aquisitivo, essa situação ampliou as péssimas condições de vida destas.

Como procedimento metodológico busca-se a relação entre aspectos da urbanização e a espoliação urbana, buscando-se identificar as contradições, quais foram as estratégias de luta à moradia dessas populações.

Principais resultados

O viver moderno do Rio de Janeiro e São Paulo conduziu a uma transformação cultural e nos significados das experiências, provocando muitas vezes o desaparecimento de outras formas de vivência. Todavia, há aquelas que se mantiveram residuais, convivendo com experiências emergentes (MONÇÃO JUNIOR, 2015). Assim, é possível afirmar que havia um duplo movimento na sociedade carioca e paulistana. De um lado, uma ideologia homogeneizadora que apontava para a modernidade de modo absoluto, de outro, este processo não ocorria pela simples substituição de padrões, mas pela redefinição dos elementos tradicionais; um ajustamento da sociedade que comportava, ao mesmo tempo, resistência e/ou inconformismo.

A canção *São Coisas Nossas* (1932) de autoria de Noel Rosa, revela a imagem do “bonde”, símbolo de modernidade naquela época, equiparada à imagem da “carroça,” signo de atraso e declínio.

São coisas nossas

Queria ser pandeiro
Pra sentir o dia inteiro
A tua mão na minha pele a batucar
Saudade do violão e da palhoça
Coisa nossa, coisa nossa
O samba, a prontidão e outras bossas
São nossas coisas
São coisas nossas
Malandro que não bebe, que não come
Que não abandona o samba, pois o samba mata a fome
Morena bem bonita lá da roça
Coisa nossa, coisa nossa
O samba, a prontidão e outras bossas
São nossas coisas
São coisas nossas
Baleiro, jornaleiro, motorneiro
Condutor e passageiro
Prestamista e vigarista

E o bonde que parece uma carroça

Coisa nossa, muito nossa

O samba, a prontidão e outras bossas
São nossas coisas
São coisas nossas
Menina que namora na esquina e no portão
Rapaz casado, com dez filhos, sem tostão
Se o pai descobre o truque, dá uma coça
Coisa nossa, muito nossa
O samba, a prontidão e outras bossas
São nossas coisas
São coisas nossas

As imagens do “bonde” e da “carroça” apresentam duas realidades que se chocam perfazendo uma crítica quanto às mudanças substanciais que envolviam tanto a aparência quanto o conteúdo das modificações urbanas que o Rio de Janeiro vivenciava à época.

Assim como o Rio de Janeiro, a paisagem de São Paulo foi (re)construída, assim como a cultura da cidade. Multiplicavam-se os cortiços e, com a decadência do “baronato cafeeiro” e o abandono dos casarões, esses se tornaram abrigo e moradia provisória. Num momento posterior, com o avanço da urbanização e da consequente especulação imobiliária, é aquela população que vai agora ser desalojada. Adoniran Barbosa sintetiza este processo em “Saudosa Maloca”.

Saudosa Maloca

Se o sinhô num tá lembrado
Dá licença de contá
Qui aqui onde agora está
Esse edificiu ártu
Era uma casa véia
Um palacete assobradadu
Foi aqui seu moçu
Qui eu, Mato Grossu e o Joca
Construímus nossa maloca
Mais um dia
Nem queru me lembrá
Chegô os hômis co’as ferramenta
Qui o donu mandô derrubá (Adoniran Barbosa, 1951)

Por meio de Saudosa Maloca, pode-se observar clara referência à memória coletiva (Halbwachs, 1990), das lembranças de uma cidade que já fora outra. Há também uma melancólica descrição do palacete “assobradadu”, uma referência aos palacetes da *Belle Époque* abandonados

que agora estão sendo derrubados em nome do progresso e da modernidade.

As canções populares se inscreveram algumas vezes como forma de resistência, outras como de resignação. Nessa perspectiva, a canção popular aqui cotejada, perfez em suas narrativas um discurso contra-hegemônico, afastando-se da representação de modernidade que se buscava oficializar, trazendo uma perspectiva nova à discussão frente às políticas urbanas.

Referências

HALBWALCHS, M. A memória coletiva. **Vértice/Revista dos Tribunais**, São Paulo, 1990. Tradução de La mémoire collective por Léon Schaffter.

MONÇÃO JUNIOR, Roberto Gomes; GUIMARÃES, Antônio Carlos Machado. ST 6 REPRESENTAÇÕES NÃO-HEGEMÔNICAS DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO: UM ESTUDO SOBRE AS CANÇÕES DE ADONIRAN BARBOSA E PAULO VANZOLINI. **Anais ENANPUR**, v. 16, n. 1, 2015.